

4. A análise

Dedicaremos este capítulo à análise dos nossos dados. Com este objetivo em mente, em um primeiro momento explicitaremos os procedimentos utilizados na análise. Em um segundo momento, passaremos às ocorrências encontradas em nosso *corpus*, as quais revelam inúmeros casos de discrepâncias de sentido entre o português e o inglês em decorrência da não-isomorfia presente entre tais línguas, já exposta no capítulo anterior.

4.1. Sobre a análise

O conjunto de dados que analisaremos neste capítulo é o resultado de um levantamento de cem redações escritas por aprendizes de inglês como língua estrangeira da Cultura Inglesa. Tais aprendizes se encontram em níveis intermediário e avançado, os quais correspondem a 4 e 6 semestres cursados de inglês, respectivamente. No que concerne às horas semanais, tais aprendizes freqüentam as suas aulas duas vezes por semana, somando um total de três horas semanais. Coletamos um corpus com 114 construções que consideramos passíveis de provocar estranhamento no contexto em que estão inseridas (cf. Anexo 1).

Quanto à metodologia geral utilizada, analisamos os nossos dados à luz da análise qualitativa ou interpretativista, tendo em mente o postulado por Allright & Bailey (1996:65), para os quais uma análise qualitativa se dá por meios da reflexão direta e da tentativa de interpretação dos dados coletados.

Assim como em Scherer (2002), as construções que priorizamos e analisamos são aquelas que, por algum motivo, causam estranhamento do ponto de vista semântico-lexical. Gostaríamos também de esclarecer que nos baseamos em Cruse (1986) e em sua estratégia para distinguirmos entre estranhamentos associados ao âmbito sintático e ao âmbito lexical. Assim, nos diz o autor:

Uma estratégia mais promissora não é perguntar como, ou se uma sentença incorreta pode ser corrigida, mas quais são as mudanças mínimas as quais farão com que ela fique normal ; então nós examinamos a natureza das mudanças. Se uma sentença com algum desvio puder ser normalizada por meio do ajuste de sua estrutura gramatical- por exemplo, pela mudança da ordenação ou da categoria sintática dos elementos ou pela adição, substituição ou apagamento de um ou mais elementos gramaticais- então parece razoável supor que tal desvio seja de ordem gramatical por natureza. Se, por outro lado, a mudança mínima exigida for

uma necessariamente envolvendo um ou mais itens lexicais, então parece justificável diagnosticar o desvio como semântico.

Cruse (1986:3)

Ilustra o procedimento sugerido pelo autor, a análise dos seguintes exemplos, os quais foram retirados das produções escritas de nossos aprendizes:

- (1) Actually, the relationship are **many** individualist because the people are working a lot.
- (2) It mustn't allowed to **beat** with the car.

No primeiro exemplo, nos deparamos com um estranhamento sintático, pois, nos termos de Cruse (1986), ao substituirmos a palavra quantificadora *many*, que funciona como pronome indefinido, por *very*, que, por sua vez, está na categoria sintática de advérbio de intensidade, o estranhamento se desfaz. Por outro lado, no exemplo 2 percebemos que o estranhamento se deu pelo uso, inapropriado, do item lexical *beat*. Assim sendo, ao substituirmos esse item lexical por aquele apropriado, ou seja, o verbo *crash*, o estranhamento se desfaz (impondo-se naturalmente um ajuste de regência com a supressão de *with*). Isto equivale a dizer que, tal como apontado pelo autor, tal estranhamento é de ordem lexical e não sintática.

No que concerne às condições de produção das redações, gostaríamos de frisar que estas foram elaboradas em casa, pois entendemos que quando em casa os aprendizes se sentem mais à vontade para expressar suas idéias do momento em que não se sentem sob pressão. No entanto, entendemos que, quando em casa, o uso de dicionários bilíngües se faz recorrente, fazendo com que a interferência da L1 desses aprendizes em suas produções escritas seja ainda mais acentuada.

No que tange ao nosso *corpus*, não nos limitamos a uma representatividade de gênero textual, isto é, analisamos as construções passíveis de causar estranhamento quer seja em um texto dissertativo, narrativo ou descritivo. Ressaltamos, porém, que um exame mais acurado das construções estranhas pertencentes a esses gêneros textuais é bem-vindo. Porém, não faz parte deste trabalho apreciarmos tal aspecto.

Tendo explicitado um pouco os aspectos relevantes no que tange à análise, podemos, neste momento, passar à análise dos dados.

4.2. Os dados

Conforme havíamos exposto anteriormente, analisamos um total de cem redações de aprendizes de inglês como língua estrangeira, os quais se encontram em níveis intermediário e avançado do estudo desta língua. Nessas redações, identificamos 114 ocorrências que nos causaram estranhamento associado ao nível lexical. Os itens lexicais identificados como problemáticos se encaixam, na grande maioria, na classe de substantivos e verbos. No entanto, algumas ocorrências com adjetivos também foram detectadas.

No que tange às discrepâncias nas relações de sentido estabelecidas pelas duas línguas em questão, observamos de saída que, além daquelas construções cuja estranheza realmente parece estar associada ao fenômeno da não-isomorfia, encontramos, de igual modo, construções nas quais o estranhamento semântico presente não parece associar-se a tal fenômeno. Assim sendo, gostaríamos de voltar nossa atenção para tais construções neste momento¹⁶.

4.2.1. Palavras inexistentes

Conforme observa Scherer (2002: 54), redações de aprendizes de LE incluem frequentemente “casos em que é empregada uma palavra considerada inexistente pelos falantes nativos e que também não é encontrada nos dicionários”. A autora observa ainda que “o grau de inteligibilidade do texto, nesse caso, é dado, entre outras coisas, pelo contexto [...]”.

Gostaríamos de, à luz de Scherer (2002), ressaltar que devemos tomar muito cuidado ao julgarmos uma palavra como inexistente, pelo simples fato de não a termos encontrado em dicionários. Sabemos que a língua é viva e, como tal, se encontra em um contínuo processo de evolução e de criação de novas palavras. Assim, procuramos não desprezar as poucas ocorrências que encontramos, mas analisá-las tendo em mente os usos mais recorrentes de palavras próximas às encontradas por nós. Passemos, nessa instância, às ocorrências, as quais, em todos os casos, seguirão a ordem do anexo 1.

(95) Although there are many **robs** there, it’s definitely worth visiting.

¹⁶ Gostaríamos de ressaltar que ao procedermos à nossa análise, estaremos traduzindo as definições do Longman Dictionary of Contemporary English.

(107) Just think about it. It's the chance of your life. Just pay me 1.000 to **sustent** my family.

(51) On the other hand the bus break down, the travel went very funny because I **hardan** a lot, and is always great to go out with my friends.

(96) Many people lose their relatives because of **falte** of responsibility.

Reiteramos que é o contexto que nos ajuda a interpretar tais proposições, uma vez que tais palavras não se mostram adequadas nas frases nas quais elas ocorrem. Assim, em (95), nos deparamos com a palavra *robs* significando *roubos* em virtude da interferência do português. Tal palavra, no entanto, inexistente em inglês, estando no uso da palavra *robberies* uma das possibilidades de veicularmos tal idéia. Ao utilizar a palavra *robs*, o falante do português parece deixar claro que está consciente da existência de palavras cognatas no inglês. Por isso, ele capitaliza em cima dessa consciência, nem sempre, no entanto, obtendo sucesso. O mesmo parece se dar na ocorrência (107), com o uso da palavra inexistente *sustent*, candidata a cognata de *sustentar* em português: o aprendiz parece ativar a palavra desejada em sua língua materna e, só então, convertê-la para o inglês, arriscando na possibilidade de ser tal palavra mais uma cognata. No entanto, como a palavra nesse caso inexistente na língua inglesa, a mensagem veiculada se torna obscura se lida por um falante nativo da língua inglesa.

Em (96), encontramos um caso um pouco diferente: a palavra é sem dúvida inexistente, mas o desvio poderia talvez ser considerado ortográfico, levando-se em conta a existência da palavra semelhante *fault*. É claro que, nesse caso, entendemos estar diante de um cognato enganador, pois apesar de tais palavras não serem intercambiáveis nesse contexto, em outros elas convergem em sentido, como, por exemplo, quando *falta* significa ato condenado por alguém, (Cf. Houaiss 2001:1305) ex. A mãe perdoa as *faltas* dos filhos e, em inglês, “a failure to do what is right: a moral transgression”, ex. I love her for her *faults*, as well as for her virtues (Cf. Longman 1995). Em todo caso, a inteligibilidade de tal proposição estaria provavelmente bastante comprometida se esta fosse lida por um falante nativo do inglês. A ocorrência (51) nos traz uma palavra cuja inteligibilidade se mostra ainda mais comprometida, pois não conseguimos, nem mesmo com a ajuda do contexto, interpretar a intenção do aprendiz ao utilizá-la. Poderíamos, é claro, enquanto falantes fluentes do inglês, imaginar inúmeras

palavras que se encaixariam em tal proposição. Isto, no entanto, segundo Scherer (2002:55), não passaria de simples especulação, pois não podemos atribuir facilmente um sentido específico dado pela situação de discurso em questão.

A título de conclusão desta seção, gostaríamos de observar que entendemos que incidências como as analisadas acima serão sempre recorrentes nas produções escritas de nossos aprendizes, ainda que eles estejam em um estágio mais avançado no estudo da língua inglesa. Assim como se dá no âmbito oral, percebemos que também na escrita, por meio da testagem de hipóteses acerca da existência de determinada palavra, nossos aprendizes parecem recorrer a seus conhecimentos acerca da língua materna, causando por vezes, desta maneira, anomalias em suas produções escritas.

4.2.2. Circunlóquios mal-sucedidos

Na pesquisa de Scherer (2002: 53), registraram-se, como aqui, “casos em que se empregam formas analíticas em detrimento de formas sintéticas na língua ou, na definição de Houaiss (2001), ‘casos em que ocorre o uso de uma seqüência de palavras ou expressões no lugar de um termo específico’”. Segundo a autora, a importância deste grupo está no fato de que não há uma correspondência biunívoca entre as palavras da língua que está sendo adquirida pelo aprendiz e as de sua língua materna. Isto faz com que este recorra a um circunlóquio por desconhecer qual é (e se há) um termo ou expressão específica que seja utilizado em seu lugar. O recurso a circunlóquios pode, nesse sentido, ser mais ou menos bem-sucedido¹⁷.

Em nossos dados, encontramos, na maioria das ocorrências, aquilo que é denominado por Scherer (2002:53), de *circunlóquios por sintagmas não usuais*. Apenas uma ocorrência pode ser categorizada, à luz da mesma autora, como sendo um caso de *circunlóquio frasal*. Assim, temos:

(98) I love steaks, too. I used to go to the **barbecue restaurants** and pizzerias.

¹⁷ Conforme Scherer (2002: 53), se um aprendiz de português usa, por exemplo, *crianças masculinas*, ao invés de *meninos*, numa possível tradução do inglês, esse é um circunlóquio mal sucedido. Um pouco mais de êxito teria, por sua vez, um circunlóquio como “crianças do sexo feminino”, ainda que o termo específico *meninos* seja claramente preferível.

(99) The poor people didn't have money for pay a **private medicine**.

(100) In the public hospitals, sometimes, didn't have a **clinic doctor** and tablets or pills for treatments.

(105) First we run out of petrol in a **petrol post**, we forgot to fill up.

(108) Then the cell phone **didn't have a signal**.

(97) I didn't mean to embarrass you, it's only **tender expressing**.

A ocorrência (98) nos traz um circunlóquio cujo sintagma correspondente seria *steak restaurants*, uma vez que *barbecue restaurants* não existe em inglês. No entanto, é importante salientarmos o fato de que *churrascarias* em português e *steak restaurants/houses* em inglês não se equivalem exatamente, fazendo com que seja ainda mais difícil para o aprendiz transitar entre essas duas línguas nesse caso: conforme nos dizem o *Dicionário da Língua Portuguesa Larousse Cultural* (1998: 45) e o *Longman Dictionary of Contemporary English* (1995: 1406) a respeito de tais palavras, *churrascaria* é um “restaurante cuja especialidade são os churrascos (carne assada na brasa)”, ao passo que *Steak houses* seriam “a restaurant that serves steak (good quality beef or a large thick piece of any good quality red meat)”.

A ocorrência (99) já nos parece ser um pouco menos complicada em termos de equivalências, pois tal sintagma pode ser provavelmente substituído pela expressão específica utilizada em inglês nesses casos, a saber, *private health care*.

No exemplo (100), temos a construção *clinic doctor*, circunlóquio mal-sucedido do aluno, usado provavelmente para traduzir *médico clínico* ou *clínico geral*. No entanto, não utilizamos tal construção no inglês, onde encontramos como sintagmas correspondentes *general practitioner* ou *family doctor* (cf. Longman 1995, pp. 496, 588).

A ocorrência (105), assim como as ocorrências (99) e (100), não chega a ser problemática, pois podemos substituir tal sintagma por *petrol station*. Acreditamos que o nosso aprendiz tenha construído o sintagma *petrol post* ao se deparar com o cognato enganador *post*, já que em português dizemos *posto de gasolina*.

Na ocorrência (108), temos um circunlóquio frasal provavelmente utilizado para veicular a idéia de *estar sem sinal ou tom de discagem*. No entanto, uma vez que o telefone referido é celular, tal expressão não é adequada..

Na ocorrência (97), por fim, temos um caso um pouco diferente, pois ocorre uma construção para a qual não conseguimos encontrar uma palavra ou expressão correspondente. Podemos, sim, pensar em um outro circunlóquio sintagmático mais usual, como por exemplo: *a term of endearment*.

Novamente, gostaríamos de reiterar o que expusemos anteriormente sobre a consciência do falante do português a respeito da existência de palavras cognatas, pois tal comportamento se mostrou evidente também nos circunlóquios detectados em nossos dados. O falante, com o intuito de se sentir mais confortável ao exprimir suas idéias na nova língua, se vale de palavras que, a seu ver, possuem não só uma imagem acústica semelhante às palavras do português como também veiculam noções semelhantes nas situações discursivas em questão.

Por último, mas nem por isso menos importante, gostaríamos de ressaltar que os circunlóquios presentes nas construções escritas de nossos aprendizes não parecem ser um problema maior se tais redações forem lidas por um falante nativo do português. No entanto, tais construções podem se mostrar bastante problemáticas para um falante nativo da língua inglesa.

4.2.3. Construções idiomáticas traduzidas ao pé da letra

Segundo a definição mais tradicional, encontrada, por exemplo no *Dicionário Universal da Língua Portuguesa* (1999: 45), “as expressões idiomáticas ou idiomatismos são locuções ou modos de dizer privativos de um idioma e ordinariamente de caráter familiar ou coloquial e que se não traduzem literalmente em outras línguas”.

Podemos perceber que exatamente pela intraduzibilidade das expressões idiomáticas, elas podem representar um problema para aquelas pessoas que estão aprendendo uma outra língua. No entanto, encontramos apenas duas ocorrências nas quais os nossos aprendizes utilizaram expressões idiomáticas traduzidas ao pé da letra, ou seja, passaram ao largo da não-composicionalidade do significado

lingüístico característica desse tipo de expressão. Ilustram o nosso comentário as seguintes ocorrências:

(102) To sum up, if you **give luck** you'll be heard, if not you'll be a candidate to die in the queue.

(114) She said I wouldn't tell truth and I told her I'm **very man** to do that.

No exemplo (102), temos a locução *give luck* como tradução literal construída para veicular a idéia de “dar sorte, ser sortudo(a)”. Porém, em inglês, não utilizamos tal expressão, mas sim *to be lucky*; o correto seria, é claro, *To sum up, if you are lucky ...* (cf. Longman 1995, p. 852).

Na ocorrência (114), possivelmente o nosso aprendiz traduziu de forma literal a frase *Ela disse que eu não iria dizer a verdade e eu disse a ela que eu sou muito homem*. Parece-nos claro que queria dizer *eu sou muito homem* no sentido de “ser muito valente, muito corajoso”. No entanto, conforme já expusemos anteriormente, muitas discrepâncias de sentido ocorrem pela intraduzibilidade das expressões idiomáticas de língua para língua. Nesse caso, a construção obtida pela tradução literal criaria dificuldades para que um falante de inglês compreendesse a idéia, que ficaria melhor expressa em construções como *I'm very brave/courageous/single-minded*.

Assim como ocorre com muitos circunlóquios, as expressões idiomáticas analisadas acima podem se revelar como problemas potenciais, se as proposições analisadas forem lidas por falantes nativos do inglês a o fluxo comunicativo poderá ficar bastante comprometido, uma vez que tais expressões foram utilizadas com base nas comunidades discursivas de falantes do português

4.2.4. Construções com falsos cognatos

Conforme expusemos no capítulo três, palavras cognatas são definidas, à luz de Cintra (1998), como “palavras de mesma origem e que têm forma semelhante e denotação idêntica ou equivalente”. Apresentam, segundo o autor, o que no ensino de línguas se costuma denominar transparência.

Ainda, segundo Ringbon (1992), o processo de compreensão de uma língua estrangeira é relativamente fácil se esta é tipologicamente próxima à língua materna do aprendiz. Essa facilidade se deve à existência de homógrafos

unissêmicos ou cognatos comuns às duas línguas, considerando-se que os cognatos são formas lingüísticas derivadas historicamente da mesma fonte, possuindo uma identidade total ou parcial e fazendo com que a identificação de seu significado não exija muito esforço. Um problema clássico no aprendizado de línguas é, como se viu no capítulo anterior, a existência dos *cognatos falsos*, ou *falsos amigos*: palavras que, ainda que relacionadas etimologicamente, têm significados que não se sobrepõem (um exemplo de senso comum seria o par ‘*eventually*’ (\cong *finalmente*) e ‘*eventualmente*’ (\cong *ocasionalmente*))

Segundo Santos (1981: XVIII), “falso amigo não é uma expressão simpática, não por designar algo a evitar ou traiçoeiro, mas por ser decalque infeliz da expressão “figée” francesa que ficou “falsa”, ou “artificial” em português”. Em adendo, o autor ressalta que além de serem falsos, muitos cognatos se “escondem” atrás de um significado e causam inúmeros problemas de intraduzibilidade.

Nos dados analisados por nós, inúmeras foram as ocorrências que apresentaram exemplos de falsos cognatos. Passemos, então, à análise de algumas dessas ocorrências.

(74) **Deceptions** in love are very common nowadays.

(75) My mother give me the recipi of the cake, I pick up all the things, put into a **recipient** and put it into the oven.

(69) My friend who is not very **expert**, lent his cousin all the money.

(72) Although the birthday girl was not **sympathetic** at all, I tried to be friendly and ignore the rude things she said to me when I **complimented** her.

Percebemos nas ocorrências acima, exemplos clássicos de falsos cognatos que se demonstraram bastante recorrentes nas redações de nossos aprendizes. Certamente nós, enquanto falantes do português, conseguimos, na maioria das vezes, entender a mensagem veiculada por nossos aprendizes. No entanto, um falante nativo do inglês cujo entendimento do português não seja satisfatório, não conseguiria, por certo, depreender a mensagem de forma apropriada conforme veremos a seguir.

Em (74), o nosso aprendiz utilizou o falso cognato *deceptions* com o sentido da palavra ‘decepção’ em português. Tal fato é bastante comum, pois a semelhança, não somente ortográfica, mas também fonológica, com a palavra ‘decepção’ em português é considerável. No entanto, *deceptions* não corresponde a *decepções* em português, significando antes “o ato deliberado de fazer alguém acreditar em algo que não é verdade” (cf. Longman 1995, p. 355). A palavra *decepção*, tal como significa em português, é (ainda que parcialmente) veiculada em inglês através da palavra *disappointment*, a qual significa “alguém ou alguma coisa que não é tão boa quanto se esperava” (cf. Longman 1995, p. 385).

Recipient, na ocorrência (75), constitui uma outra fonte de anomalias semânticas nas redações de nossos aprendizes, pois *recipient*, diferentemente daquilo que o parentesco de significantes sugere, não significa ‘recipiente’, ou seja, uma vasilha na qual algo é posto, mas sim alguém que recebe algo. A palavra *recipiente*, tal como a utilizamos em português, é expressa pela palavra ‘container’ em inglês. A respeito de tal significação, nos diz Santos (1981):

‘Recipient’ tem, como o sent. “objeto que contém”, “vaso”, etc., refere-se quase somente a pessoas e usa-se em situações que o tornam equivalente a “receptor” (s.), “receptivo” (adj.), “rebedor” (s. e adj.), raramente a “recipiente” (adj. Pouco usado em port.) [...].

Santos (1981: 383)

Vimos, desta forma, que, mais uma vez, a semelhança ortográfica e fonológica entre tais palavras no português e no inglês teve um peso grande sobre a interpretação e, conseqüentemente, o emprego delas pelos nossos aprendizes.

No exemplo (69), mais uma vez nos deparamos com uma discrepância de sentido causada pela proximidade ortográfica e fonológica entre *esperto* em português e *expert* em inglês. Os nossos aprendizes, ingenuamente, ou até mesmo pela dependência que possuem da sua língua materna, possivelmente ativam o conhecimento que tem da palavra *esperto* em português. No entanto, como se sabe, *expert* não significa *esperto*, mas sim “alguém que possui uma habilidade especial ou um conhecimento especial sobre algo” (cf. Longman 1995, p. 477). *Esperto*, por outro lado, corresponderia a algo como *clever* em inglês. Segundo Santos (1981), as significações da palavra *expert* podem causar inúmeras confusões ao tradutor, por exemplo, em virtude da ambigüidade entre ‘experto’ e

esperto' em português. Devido a tal fato, o autor, então, sugere que o tradutor evite 'experto' contribuindo, desta sorte, para a obsolescência da palavra. Assim, nos diz o autor:

“É homem inteligente e esperto” (isto é, “experimentado”, “experiente”; mas – “É homen inteligente e esperto” – também faz sentido porque “esperto” significa, entre outras coisas, “inteligente”, “fino”, “arguto”).

Santos (1981: 189)

Em (72), encontramos duas discrepâncias de sentido causadas pelo uso, inapropriado, dos itens *sympathetic* e *complimented*. É bastante comum haver confusões de sentido, por parte de nossos aprendizes, relacionadas a tais itens pela proximidade entre eles e os itens lexicais *simpático* e *cumprimentar* em português. No entanto, conforme nos aponta Santos (1981),

Sympathetic tem os sent. correspondentes: bondoso, complacente, indulgente, humano, compassivo, consolador, compreensivo, solidário; caracterizado por empatia ou compreensão dos estados ou processos mentais de outrem: *I sympathized with her in her grief*, “Compartilhei de sua dor” [...].

Santos (1981: 465)

‘Simpático, por outro lado, é um adjetivo expresso em alguns casos pela palavra ‘friendly’ em inglês, significando “o comportamento com relação a alguém de forma a mostrar que você está pronto a ajudar ou a falar com ele (a)” (cf. Longman 1995, p. 566).

Compliment, por sua vez, constitui um outro problema para os falantes nativos do português, pois, ao contrário do que se acredita, tal palavra significa cumprimentar enquanto ‘elogio’, ‘elogiar’, ou, ‘saudar’. Assim nos diz o Longman (1995, p. 276) a respeito de tal significação: “dizer algo gentil a alguém de forma a elogiá-lo”. *Cumprimentar*, no sentido de saudar alguém, é expresso em inglês pela palavra *greet*, (“dizer olá a alguém ou dar as boas vindas”; cf. Longman 1995, p. 624). De forma a justificarmos a nossa asserção, passemos ao que nos diz Santos (1981) a respeito de *compliment*:

Embora signifique “cumprimento”, muitas vezes é preferível a trad. “saudação” ou “gentileza”: He paid me the compliment of consulting me about his affairs, “Ele me fez a gentileza de consultar-me sobre seus negócios”. Fr.: to make, to pay a compliment to someone, “apresentar cumprimentos, ou, elogiar uma pessoa”; compliments of the season, “saudações por ocasião das festas de Natal”.

Santos (1981: 88)

As ocorrências de *palavras inexistentes, circunlóquios mal-sucedidos, expressões idiomáticas traduzidas ao pé da letra* e de *emprego de falsos cognatos* são numerosas e trazem à tona muitas vezes, como vimos, a interferência da língua materna no aprendizado de uma LE, merecendo, portanto, registro neste trabalho. Não são, no entanto, um campo tão fértil para investigarmos a situação que nos interessa mais de perto aqui -- o fenômeno da não isomorfia nas relações de sentido, de que passamos a tratar agora.

4.2.5 Manifestações de não-isomorfia

No que diz respeito às construções cuja estranheza pode ser associada mais diretamente à questão da não-isomorfia nas relações de sentido entre o português e o inglês, o primeiro aspecto a destacar é a grande incidência de cognatos enganadores (cf. Anexo 2), os quais comparecem em inúmeros dos casos envolvendo as diferentes relações de sentido por nós analisados. Conforme já destacamos no capítulo anterior, a questão da não-isomorfia se mostra particularmente sensível quando estão em jogo palavras cognatas, conforme veremos nas ocorrências analisadas a seguir.

No que concerne à análise aqui proposta, gostaríamos de destacar que ela nos permite ir além da simples constatação do caráter enganador dos cognatos, pois abre-se um espaço para refinar a análise das anomalias semânticas a eles associadas, pela exploração de relações de sentido diversas que mantêm nas duas línguas, muitas das quais já explicitamos no capítulo anterior.

No que se segue, analisaremos os grupos de ocorrências com vistas à identificação de desvios semânticos relacionados às seguintes categorias, discutidas no capítulo anterior e distribuídas pelas seções abaixo numeradas (cf. Anexo 3):

4.2.5.1 Relações de Contraste

4.2.5.1.1 Não binários:

→ Ranqueamentos

4.2.5.1.2. Binários (oposições):

- Conversos
- Antônimos
- Pares Direcionais

4.2.5.1.3 A Questão Morfológica

4.2.5.2. Relações de Subordinação

- Hiperonímia

4.2.5.2.1.. Verbos de Suporte

4.2.5.3 Relações de Sinonímia

- Restrições Colocacionais

Observa-se, pois, que nem todas as relações discutidas no capítulo anterior figuram nesta análise, por não terem sido encontrados dados relevantes no corpus. Ficaram de fora os contrastes não-binários *ciclos* e *escalas*; os contrastes binários envolvendo *pares complementares* e as seguintes relações de subordinação: meronímia, grupo-membro e porção-massa.

4.2.51. Relações de Contraste

Conforme explicitado no capítulo anterior, as relações de contraste podem ser de dois tipos fundamentais: *não binárias* e *binárias* (ou *oposições*). Passaremos agora a analisar as ocorrências encontradas no *corpus*, distribuindo-as entre essas duas classes.

4.2.5.1.1. Contrastes não binários:

Ao nos remetermos a Lyons (1990), já ratificamos que há menos a dizer sobre os contrastes não-binários de sentido do que sobre a oposição, situação que se reproduz na análise dos nossos dados. Quando pensamos em tais contrastes somos remetidos àqueles que são categorizados por Lyons como *escalas*, *ranqueamentos* e *ciclos*. Em nossos dados, encontramos apenas uma ocorrência envolvendo o que o autor categoriza como sendo ranqueamento.

Já dissemos anteriormente que Lyons (1990) define ranqueamento como sendo uma relação cuja ordenação dos membros se dá de forma serial e cuja relação de incompatibilidade entre os membros do conjunto de dá de forma mais

restrita. Assim sendo, em uma empresa hoteleira, por exemplo, temos uma estrutura hierárquica que inclui *gerente, recepcionista/atendente, camareira, etc.*

Nos nossos dados, encontramos a seguinte ocorrência do que entendemos ser um exemplo da não-isomorfia subjacente ao ranqueamento existente em uma empresa hoteleira:

(13) When we got to the hotel, the **attendant** told us we found the wrong hotel.

Nesta ocorrência, percebemos que o nosso aprendiz utilizou um cognato em virtude da influência da sua língua materna, ou seja, em português a palavra *atendente* significa “pessoa que, nos hospitais, ambulatórios ou outros lugares públicos desempenha serviços auxiliares” (cf. Aurélio 2004, p. 150). Assim sendo, utilizamos a palavra *atendente* para nos referirmos a alguém que desempenha a função de recepcionista sem maiores problemas. No entanto, em inglês a palavra *attendant*, apesar de significar também “alguém cujo trabalho é ajudar clientes ou consumidores em locais públicos” (cf. Longman 1995, p. 70), não é normalmente utilizada em tal contexto, para o qual temos a palavra *receptionist*, que é a mais adequada para especificar o ranqueamento que se dá dentro de uma empresa hoteleira, significando “alguém cujo trabalho é lidar com pessoas que chegam a um hotel, consultório etc.” (cf. Longman 1995, p. 1186). Gostaríamos de ressaltar, no entanto, que talvez esse não seja um exemplo dos mais flagrantes de não isomorfia quanto a essa relação de sentido, uma vez que há nas duas línguas posição hierárquica em exame, representada pelos cognatos *recepcionista/receptionist*. O que parece ser diferente é a possibilidade, maior em português do que em inglês, de usar um termo mais geral, como *atendente/attendant* no que tange à hierarquia dentro das empresas hoteleiras.

4.2.5.1.2. Contrastes binários (oposições)

Lembramos que segundo Cruse (1986: 259), “um contraste inerentemente binário, em outras palavras, seria um contraste cuja oposição se faz logicamente necessária”. Segundo o autor, em tal relação a oposição se dá de forma **patente**.

Em nossos dados, encontramos exemplos da não-isomorfia entre o português e o inglês no que tange às seguintes oposições binárias: pares conversos, antônimos e pares direcionais.

Conversos

Conforme já explicitamos em outro momento, os pares conversos “consistem naqueles pares que expressam uma relação entre duas entidades por meio da especificação de um em relação ao outro ao longo de um eixo” (Cruse: 1986, p.231). Ainda, segundo o autor, tais conversos são considerados **conversos diretos**. Assim, quando enunciamos *Maria é esposa de João*, podemos associar a ela a proposição que é a sua conversa, ou seja, *João é marido de Maria*.

Em nossos dados, encontramos três ocorrências que mostram a interferência da língua materna dos nossos aprendizes no que concerne aos pares conversos, as quais foram:

(5) Raising **sons** is very difficulty nowadays.

(6) I have three **uncles**: Joana, my mother’s sister, Paulo and Fred, my father’s brothers.

(7) We are **boyfriends** since 2002.

Em (5), encontramos a palavra *sons*, que foi utilizada por nosso aprendiz para se referir genericamente a filhos (do sexo masculino e feminino). Tal desvio se deu, indubitavelmente, pela interferência do português, pois em português utilizamos o item lexical ‘filhos’ para nos referirmos a filhos homens e mulheres. No entanto, em inglês tal uso se faz incorreto, pois ao nos referirmos a filhos de ambos os sexos utilizamos o item lexical *children*, sendo a palavra *son* utilizada exclusivamente para veicular a idéia de “o filho homem de alguém” (cf. Longman 1995, p. 1366).

A isomorfia entre as duas línguas nessas relações de pares conversos se verifica no singular, onde há paralelismo: *José é pai de João* teria como proposição conversa *João é filho de José*, assim como *José is João's father* teria como conversa *João is José's son*. O paralelismo se quebra, no entanto, quando a relação é referida no plural: enquanto em português, usamos o mesmo item lexical, *filho*, no singular e no plural (*José é pai de João e Pedro* tem como proposição conversa *João e Pedro são filhos de José*), em inglês o plural genérico mobiliza outro item lexical, *children* (*João and Pedro are José's children* seria a proposição conversa para *José is the father of João and Pedro*)

Nas ocorrências (6) e (7), o uso das palavras *uncles* e *boyfriends* se faz semelhante ao ocorrido no item (5), pois em tais proposições o nosso aprendiz utilizou tais itens para se referir a *tios* (homens e mulheres) e *namorados* (casal), pois é exatamente assim que utilizamos tais palavras em português quando o plural é empregado. Porém, em inglês necessitamos de dois itens lexicais para veicularmos tal idéia, ou seja, enquanto há, conforme explicitado no parágrafo anterior, paralelismo entre o português e o inglês quando tais itens estão no singular, no plural eles mobilizarão um outro item. Assim sendo, precisamos dos itens *uncle* e *aunt* para expressarmos a idéia da ocorrência (6). Assim, deveríamos ter *I have one aunt and two uncles*, sendo a palavra *uncles* utilizada apenas para se referir a *tios*, sendo eles do sexo masculino (cf. Longman 1995, p. 1565). Quanto à ocorrência (7), o mesmo procede, ou seja, ao invés de *boyfriends*, deveríamos ter *boyfriend and girlfriend* para expressar tal idéia corretamente, ou seja, *namorados* enquanto casal, pois a palavra *boyfriends* é utilizada, em inglês, apenas para se referir a *namorados* enquanto sexo masculino.

Os desvios semânticos ilustrados nas ocorrências (5), (6) e (7) são bastante frequentes nas produções escritas de nossos aprendizes e inúmeras vezes tais discrepâncias de sentido levam a problemas no fluxo comunicativo.

Antônimos

Em capítulo anterior, expusemos que Lyons (1990) entende a antonímia como uma relação que reflete a tendência humana de designar coisas por meios de contrastes dicotômicos. Em virtude disto, não é incomum nos depararmos com

instâncias nas quais o uso de relações de antonímia se faz presente. No entanto, conforme já dissemos, Pietroforte e Lopes (2003) defendem que não existem antônimos absolutos. Assim, determinada relação de antonímia pode se construir ou se desfazer em determinado contexto de uso.

Nos nossos dados, encontramos apenas uma ocorrência da não-isomorfia concernente às relações de antonímia, a qual, indubitavelmente, revela a interferência da língua materna de nossos aprendizes em suas produções escritas. Tal ocorrência é a seguinte:

(1) When I took a piece of bread on the table, I saw it was **cold**.

Podemos perceber em (1) que a palavra *cold* foi utilizada por uma interferência do português, pois frequentemente dizemos que se o pão não está fresco, ou quentinho, ele está **frio** ou **dormido**. Desta sorte, o nosso aprendiz utilizou *cold* para expressar a idéia de **pão frio** (com o intuito de veicular a idéia de *dormido* em oposição a *quente*)¹⁸. No entanto, enquanto em inglês temos um par paralelo *fresh-stale* ou *hot-stale*, não encontramos, para pão, um par como *fresh-cold* ou *hot-cold*, sendo essa descrição do estado literal do pão aparentemente interdita em inglês. Assim, *cold* não é uma palavra antônima para *fresh* neste contexto, mas, sim o item lexical *stale*, o qual significa “pão ou bolo que está nesta condição não está mais bom para se comer” (cf. Longman 1995, p. 1395).

Pares Direcionais

A título de recapitulação, e nos termos de Cruse (1986: 223), “direção, no mais simples caso, define um caminho possível para um corpo que se move em uma linha reta; um par de itens lexicais denotando direções opostas indica caminhos possíveis, os quais, se seguidos por dois corpos, irá resultar no movimento desses corpos em direções contrárias...”.

¹⁸ Entendemos que apesar de *frio* e *dormido* não serem sinônimos usuais, em tal contexto discursivo tal proximidade parece clara.

Em nossos dados, encontramos apenas uma ocorrência da não-isomorfia entre o português e o inglês no que diz respeito aos pares direcionais, a qual analisaremos a seguir.

(64) The UERJ has a comfortable house with two bedrooms, two excellent laboratories, a kitchen, a living room, three bathrooms and an auditorium **in front of** a beautiful beach.

Como podemos perceber, por meio da utilização do conhecimento sua da língua materna e por se tratar de um cognato enganador, o nosso aprendiz empregou *in front of* como significando “em frente a algum lugar”, assim como empregamos este termo em português. Não há em português nenhum outro sintagma cujo uso seja delimitado pelo fato de este em *frente a* ser do mesmo lado da rua ou do outro. No entanto, em inglês, quando pensamos nos pares direcionais que veiculam as noções aproximadas a *em frente/atrás*, utilizamos, diferentemente do português, três itens lexicais e não dois como na nossa língua. Em inglês, ao nos referirmos a uma entidade que se localiza em frente a uma construção, por exemplo, utilizamos *in front of* somente se esta estiver “do mesmo lado de algo”, no caso a construção (cf Longman 1995, p. 568). Porém, se esta entidade se encontra do outro lado da rua em relação a uma construção, por exemplo, empregamos o item lexical *opposite* ou *across from*, os quais significam “de frente para algo ou alguém” (cf. Longman 1995, pp. 12, 995). Assim, o nosso aprendiz, ao se referir ao auditório, o qual está localizado em frente à praia, porém do outro lado da rua, deveria ter empregado *across from* ou *opposite*, produzindo, desta maneira, a seguinte proposição: *The UERJ has a comfortable house with two bedrooms, two excellent laboratories, a kitchen, a living room, three bathrooms and an auditorium opposite/across from a beautiful beach.*

São essas as manifestações de não isomorfia envolvendo relações de contraste encontradas em nosso corpus. Antes, no entanto, de passar a descrever as relações de subordinação, julgamos oportuno fazer uma breve observação sobre a questão morfológica envolvendo os opostos binários.

4.2.5.1.3. A Questão Morfológica

Ao nos referirmos à oposição dicotômica no capítulo anterior, já mencionamos que Lyons (1990) as classifica em aquelas que são morfológicamente relacionadas e aquelas que não são morfológicamente relacionadas. Segundo o autor, ainda, há nas oposições não relacionadas, morfológicamente falando, uma especificidade psicológica maior por apresentarem uma natureza oposta absoluta.

Encontramos em nossos dados apenas uma ocorrência da não-isomorfia entre o português e o inglês no que tange à oposição dicotômica:

(3) I thought the boy was cute, but he was totally **hairless**.

Percebemos nessa ocorrência que o nosso aprendiz intencionava veicular a idéia de que o rapaz era careca (o que se deduz talvez melhor considerando-se o restante da redação de onde essa construção foi retirada). Assim, em português temos *careca-cabeludo* e em inglês temos o par paralelo *bald-hairy*. No entanto, em inglês a palavra *hairy* significa, além de *cabeludo*, *peludo*, sendo, nesse último caso, um oposto morfológico de *hairless*. Tal par morfológicamente relacionado em inglês não corresponde, no entanto, a um par de antônimos em português, pois utilizamos em português construções como *com pelos* ou *sem pelos*. Entretanto, o aluno, ignorando essas manifestações de não isomorfia entre o português e o inglês, arrisca uma construção morfológica que em inglês descreve literalmente a ausência de pelos em geral, mas não especificamente a ausência de cabelos. O que é interessante observar aqui é que o aluno “(re)constrói” uma relação morfológica virtual, quando os opostos em questão em inglês não são morfológicamente relacionados.

O desvio cometido por nosso aprendiz é bastante entendível no sentido de que utilizamos, em inglês, o sufixo *-less* para expressarmos a falta de determinada característica. Assim sendo, ele apenas generalizou a regra do inglês e a somou ao fato de que em nossa língua, ou seja, no português podemos dizer: *O homem é totalmente sem cabelo (careca)* ou *O homem é totalmente careca*. Desta forma, ele utilizou, mais uma vez, o conhecimento que possui de

sua língua materna, agregando a ele o conhecimento a respeito do emprego de regras em inglês.

4.2.5.2. Relações de Subordinação

No que tange às relações de subordinação, as quais já foram explicitadas no capítulo anterior, encontramos em nossos dados inúmeras ocorrências que ilustram a não-isomorfia entre o português e o inglês no que concerne às relações de hiperonímia. Conforme já se observou, outras relações de subordinação, como meronímia, membro-grupo etc., não se mostraram produtivas em nosso *corpus* limitado. Passemos então à análise dos casos de não isomorfia envolvendo a hiperonímia.

Hiperonímia

Com base em Cruse (1986), entendemos a hiperonímia como sendo aquelas relações de sentido em que há uma ligação entre um termo mais geral (superordenado) e um termo mais específico, o qual passa a ser o seu hipônimo.

Nos dados analisados, encontramos inúmeras ocorrências nas quais as relações de hiperonímia se fizeram evidentes. Em tais ocorrências detectamos inúmeras discrepâncias de sentido entre o português e o inglês representadas sobretudo por verbos, conforme veremos a seguir.

Encontramos, em nossos dados, as seguintes ocorrências que ilustram a não-isomorfia entre o português e o inglês no que tange ao uso de verbos. No entanto, em todas elas parece evidente que os nossos aprendizes recorreram ao conhecimento prévio que possuem de sua língua materna. Por exemplo, nas quatro ocorrências abaixo, o emprego do verbo se deu com base no conhecimento que o nosso aprendiz importou do português.

(29) I felt very disappointed because I can't **used** my new clothes.

(45) You have to **use** a seat-belt.

(31) It's necessary be careful in use at Internet because people can to disturb:

sending e-mails virus, **robbing** information and telling lies.

(30) After I turned off the telephone I **reminded** to put my soup in the fridge.

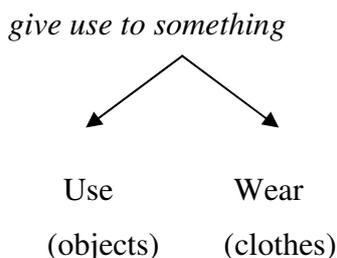
(35) Winning bidder will **receive** a ride in my new 2005 Jaguar.

(46) He thought he could **win** a lot of money from his work if he worked hard.

(90) Plot is about two different people who bump into each other in the trip, but the girl have little time of life, and Jack tries to **avoid** her death.

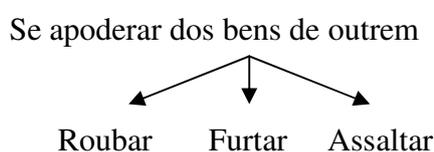
Nas ocorrências (29) e (30), encontramos o verbo *use*, o qual é considerado um cognato enganador nos termos de Carroll (1992), quando empregado como correspondente a *usar*, para designar a utilização de roupas e acessórios que colocamos em nosso corpo. Isto acontece porque em português possuímos apenas o item lexical *usar* quer seja para designar o que colocamos em nosso corpo ou para designar objetos que usamos para um determinado fim. No entanto, em inglês temos pelo menos dois itens lexicais que empregamos para veicular a idéia de “servir-se de algo, utilizar algo”. Se a idéia que desejamos veicular é a de usar algo em nosso corpo, utilizamos a palavra *wear*, a qual significa “ter algo como roupas, sapatos e jóias em seu corpo” (cf. Longman 1995, p. 1620). Por outro lado, se a idéia que desejamos veicular é a de usar algum objeto, empregamos a palavra *use*, como em *You have to use a pen to do the test*, já que tal palavra significa, entre outras coisas, “fazer algo com determinada ferramenta com um objetivo específico” (cf. Longman 1995, p. 1583). Assim, nas ocorrências analisadas, o nosso aprendiz deveria ter utilizado a palavra *wear* em vez de *use*, uma vez que, nas duas ocorrências, o referente é algo que usamos em nosso corpo.

Entendemos que o uso inapropriado da palavra *use* na proposição supracitada ocorreu porque, como já dissemos, enquanto em português possuímos apenas o item lexical *usar* para designar a idéia de *usar algo* no sentido geral da palavra, em inglês temos a relação de hiperonímia cujo hiperônimo é, em termos analíticos, ou por meio da utilização de um sintagma nominal (Cf. Cruse 1986: 142), *give use to something* e cujos hipônimos são *use* e *wear*. A árvore abaixo ilustra a nossa asserção:

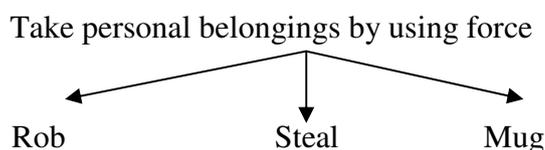


Em português tal relação de hiperonímia não se manifesta, havendo apenas o verbo geral *usar*, estando aí a manifestação de isomorfia entre as duas línguas.

Na ocorrência (31), o nosso aprendiz provavelmente traduz do português *roubando informações*. Para atingir o seu objetivo, ele utilizou o cognato enganador *rob*. Acreditamos que isto tenha ocorrido porque em português possuímos o item lexical *roubar*, o qual tem sentido bem geral e pode ser empregado (coloquialmente falando) de forma intercambiável em situações nas quais nos referimos a alguém cujos bens foram retirados por meio de ameaça, ou a situações onde há a prática de assalto, como em *assaltar um banco*, mais ou menos intercambiável com *roubar um banco* (cf. Aurélio 2004, p. 716). Assim, temos em português:



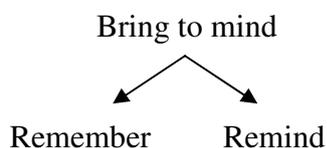
Entretanto, em inglês tal relação de hiperonímia se dá de forma distinta, pois temos agregadas a tais relações algumas particularidades significativas que apontam para uma não isomorfia. A árvore abaixo ilustra a nossa asserção:



Em inglês, temos os verbos especificados acima para nos referirmos a situações de roubo. Porém, eles não são intercambiáveis: à luz do *Longman Dictionary of Contemporary English*, utilizamos *rob* para dizermos que “algo foi roubado de um estabelecimento”, de um banco, por exemplo, como em *He robbed the bank this morning*. Podemos, de igual modo, utilizar *rob* para

dizemos que algo foi roubado de alguém, mas, neste caso, precisamos mudar a estrutura do verbo, ou seja, não dizemos: *He robbed her money*, mas, sim, *He robbed her of her money*. *Steal*, por outro lado, é utilizado, especificamente, com o sentido de “tomar, roubar algo de alguém”, como em *He stole all her money*. Assim, não diríamos, por exemplo: *He stole her*, pois isto implicaria dizer que ele a levou como sendo o produto do próprio roubo. E, finalmente, *mug* é empregado para nos referirmos a um “ataque, e conseqüentemente roubo, contra outrem em lugares públicos”, por exemplo. (cf. Longman 1995, p. 1406). Por estas razões, o nosso aprendiz deveria ter utilizado o item lexical *steal* em vez de *rob*, obtendo a seguinte proposição: *It's necessary be careful in use at Internet because people can to disturb: sending e-mails virus, stealing information and telling lies*.

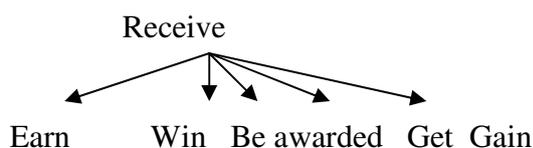
Na ocorrência (30), nos deparamos com o uso, inadequado, do verbo *remind* significando “lembrar a si próprio”, possivelmente porque em português possuímos apenas o item lexical “lembrar”, cujo uso se dá tanto para veicularmos a idéia de “lembrar a si próprio de fazer algo, trazer à memória, recordar”, como também “lembrar algo a outrem”. No inglês, no entanto, possuímos dois itens lexicais para expressar tal idéia, fazendo com que tenhamos a seguinte relação de hiperonímia:



Se desejamos veicular a idéia de “trazer algo à nossa própria memória” (cf. Longman 1995, p. 1201), que é o ocorrido no exemplo (30), utilizamos o item lexical *remember*, que é o item o qual deveria ter sido utilizado por nosso aprendiz. Assim, teríamos a seguinte proposição: *After I turned off the telephone, I remembered to put my soup in the fridge*. Por outro lado, se desejamos expressar a idéia de “trazer algo à memória de outrem” (cf. Longman 1995, p. 1202), utilizamos o item lexical *remind*. Assim, se quiséssemos dizer *Eu a lembrei de tomar o seu remédio em tempo*, diríamos *I have reminded her to take her medicine just in time*.

A ocorrência (35) nos traz um exemplo de uma discrepância de sentido causada pelo uso inapropriado do cognato enganador *receive*, o qual é

classificado por Cruse como converso indireto. No entanto, percebemos que tal discrepância de sentido se deu devido a uma não-isomorfia no que concerne também às relações de hiperonímia, pois o verbo *receive* foi empregado por nosso aprendiz com o intuito de expressar a idéia de recebimento. Porém, referente a um prêmio, pois em português utilizamos apenas o item lexical *receber*, quer seja para expressar a idéia de *receber uma premiação*, *receber salário* ou algum outro tipo de benefício (cf. Aurélio 2004, p. 685). Em inglês no entanto, ao contrário do que ocorre no português, temos diferentes itens lexicais para expressar a idéia de recebimento. Assim, a título de ilustração apenas, se quisermos dizer receber salário, dizemos: *Earn a salary*, onde *earn* significa “receber uma quantia de dinheiro pelo trabalho feito” (cf. Longman 1995, p. 431). Se a idéia for, por exemplo, receber algo de modo geral, utilizamos *get*, que significa “receber algo” (cf. Longman 1995, p. 591). No entanto, se a idéia for receber algo enquanto premiação, dizemos *win*: *Win a prize* ou *Be awarded a prize*, onde *win* significa “ganhar algo em uma competição” e *to be awarded* significa “ganhar algo oficialmente enquanto premiação” (cf. Longman 1995, pp. 75, 1639). Por fim, se veicularmos a idéia de ganhar algo importante ou uma vantagem, por exemplo, utilizamos *gain*, que significa “ganhar algo importante ou uma vantagem” (cf. Longman 1995, p. 579) Assim, temos a seguinte relação de hiperonímia:



Tendo dito isto, podemos perceber que na ocorrência (35) o nosso aprendiz deveria ter utilizado os itens *win* ou *be awarded* em vez de *receive*. Se tivesse ocorrido assim, teríamos tido as seguintes proposições: *The winning bidder will win a ride in my new 2005 Jaguar* ou *The winning bidder will be awarded a ride in my new 2005 Jaguar*.

A ocorrência (46) é bem semelhante à (35), pois percebemos que se trata também de uma relação conversa indireta cuja discrepância se deu pela não-isomorfia relacionada às relações de hiperonímia, como já dissemos acima. Desta forma, o nosso aprendiz deveria ter utilizado o item lexical *earn*, tendo,

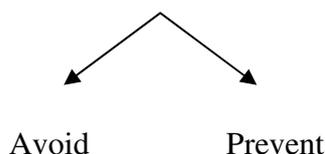
assim, a seguinte proposição: *He thought he could **earn** a lot of money from his work if he worked hard.*

A nossa última ocorrência, a de número (90), ilustra um fato bastante interessante, ou seja, o uso de expressões que priorizam *avoid* em detrimento de *prevent* e vice-versa.

É claro que para entendermos tal priorização um pouco melhor, teremos que recorrer, mais uma vez, às relações de hiperonímia visto que se trata de tal relação aqui presente.

Enquanto temos, em português, apenas o item lexical evitar, significando “fugir, desviar-se de alguém ou algo nocivo” (cf. Aurélio 2004, p. 420), temos em inglês dois itens lexicais, conforme ilustrado abaixo:

Stop something from happening



Diferentemente do português, usamos *avoid* para nos referirmos a algo que devemos evitar com relação a nós mesmos, pois tal item significa “fazer algo com o intuito de prevenir algo ruim” (cf. Longman 1995, p. 74). *Prevent*, por outro lado, é empregado quando intencionamos veicular a idéia de “evitar que algo aconteça ou evitar que alguém faça algo” cf. Longman 1995, p. 1118).

Tendo em mente a explicitação acima, percebemos que no exemplo (90) o nosso aprendiz pretendia dizer que Jack tentou evitar a morte da menina. No entanto, utilizou *avoid* em vez de *prevent*, causando a estranheza pelo motivo supracitado.

Desnecessário é dizermos que pelo fato de ser *avoid* um cognato enganador, o nosso aprendiz tenha optado por utilizá-lo em detrimento do item lexical *prevent*.

A não-isomorfia entre as duas línguas em questão é fonte de inúmeros desvios semânticos nas produções escritas de nossos aprendizes, os quais, apesar de se encontrarem em níveis mais avançados no estudo da língua inglesa, parecem ainda não ter atentado para o fato de que, conforme defendido por

Saussure e muitos outros relativistas, as línguas não possuem correspondentes biunívocos para a maioria das relações de sentido expressas por elas.

Tendo explicitado os sentidos (ainda que parciais) que subjazem às relações de hiperonímia acima, acreditamos ser entendível, e até mesmo aceitável, o fato que muitos de nossos aprendizes cometem inúmeros desvios semânticos correspondentes a tais verbos, pois as relações entre eles, como vimos, se dão de forma bem distinta no português e no inglês.

4.2.5.2.1. Verbos de suporte

Nos termos de Scherer (2002: 69), algumas estruturas do tipo V + SN “são conhecidas na literatura como construções com verbo de suporte. Em tais estruturas, o elemento verbal pertence a uma classe mais ou menos fechada de verbos (dar, fazer, tomar, etc) que se combina regularmente com nomes de modo a acrescentar-lhes valores aspectuais, permitirem a expressão de certas nuances de significado, e proporcionar uma maior versatilidade sintática”. Segundo Scherer, ainda, tais verbos são denominados de verbos de suporte porque quando na coligação onde se encontram, eles não possuem um significado específico contributivo e parecem se esvaziar dos seus significados. Com base nesta explicitação de Scherer, dizemos em português, por exemplo, *dar uma gargalhada*. Porém, não estamos dando a nossa gargalhada a ninguém, no sentido literal do verbo. Aqui, o verbo dar é um verbo “esvaziado”, ou seja, sem um valor significativo maior, ficando o nosso entendimento a cargo do bloco enunciativo como um todo.

Em nossos dados, encontramos certas ocorrências que mostram claramente a não-isomorfia entre o português e o inglês no que concerne às estruturas com verbos de suporte, principalmente com o verbo ‘fazer’. Ilustram a nossa posição, as seguintes ocorrências:

(11) He asked for him if he had **done** a joke of Severino with “Mensalinho”.

(12) I **did** contact with the base and told all the story.

(33) Kelly **did** University of History (UERJ), but João didn’t.

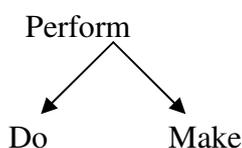
Na primeira ocorrência percebemos o uso indevido do verbo fazer. O nosso aprendiz queria dizer: Fazer uma piada, uma brincadeira. Por isso, utilizou

o verbo *do*, que significa *fazer* em determinadas situações discursivas, ou seja, “fazer ou terminar determinada atividade particular” (cf. Longman 1995, p. 399). Assim, em *Do the homework*, temos: *Fazer o dever de casa*. Tal verbo é bastante utilizado em inglês e, talvez por isso, o nosso aprendiz o tenha utilizado. É claro que o fator “língua materna” também pode ter tido o seu lugar, uma vez que acreditamos ter o nosso aprendiz recorrido ao seu conhecimento da língua materna, na qual só possuímos o verbo fazer seja qual for a instância na qual ele estiver sendo utilizado. No entanto, quando queremos, em inglês, veicular a idéia de fazer uma piada ou uma brincadeira, utilizamos o verbo ‘make’, como em: *make a joke of* (cf. Longman 1995, p. 767). Isto acontece porque *joke* irá selecionar o verbo *make*, já sendo esta uma expressão fixa (Cf. Saeed 2003: 60).

A ocorrência (12) nos traz, semelhantemente, o uso indevido do verbo *do*, pois ao contrário de *did contact*, dizemos em inglês *make contact*. Isto se dá porque, assim como ocorrido acima, a palavra *contact* co-ocorre com o verbo *make*, sendo esta também uma expressão fixa e, por isso, não possuindo outros elementos comutáveis.

Na última ocorrência desta seção, o nosso aprendiz, de igual modo, utilizou o verbo *do* indevidamente. Acreditamos que ele intencionava dizer que Kelly **fez** faculdade de História, pois diríamos tal proposição desta forma em português. Assim sendo, ele empregou, indevidamente, o verbo de suporte *do*. No entanto, ao veicularmos tal idéia em inglês, não utilizamos um verbo de suporte, mas, sim, o verbo *major*, como em: Kelly **majored** in History (cf. Longman 1995, p. 860).

A título de conclusão desta seção, gostaríamos de ratificar que inúmeras são as discrepâncias de sentido concernentes ao verbo de suporte *fazer* cometidas por nossos aprendizes em suas produções escritas. Isto acontece porque, tal como vimos acima, enquanto, em português, temos apenas o verbo fazer, em inglês temos a relação de hiperonímia abaixo, sendo os hipônimos empregados, na maioria das vezes, em expressões fixas.



Quando tais hipônimos não são empregados em expressões fixas, *do* exprime (ainda que parcialmente) a idéia de se fazer algo que constitui uma obrigação, enquanto *make* exprime a idéia de criação, ou seja, de se fazer algo cuja existência não é anterior ao momento presente.

4.2.5.3. Relações de Sinonímia

Gostaríamos de reiterar, brevemente, o que expusemos no capítulo três do nosso trabalho a respeito das relações de sinonímia, pois entendemos ser de grande relevância neste momento.

À luz do postulado por Pietroforte e Lopes (2003), não existem sinônimos perfeitos. Assim, não é incomum usarmos determinado sinônimo em certo contexto e termos a impressão de que este não soa bem como, por exemplo, *calvo* e *careca*. Parece-nos evidente que tal par de palavras passa de largo no que diz respeito ser ele um par de sinônimos perfeitos, pois, dependendo da situação discursiva em questão (registro formal/ informal), não poderemos utilizá-los intercambiavelmente. No entanto, a nosso ver, tal situação pode ser ainda mais agravada se, somando-se a essa problemática da imperfeição dos sinônimos, nos depararmos com duas línguas distintas cujos léxicos apresentem, de igual modo, pares de sinônimos que co-ocorram em uma dessas línguas, mas não na outra. Assim, enquanto temos os pares de sinônimos: *eventualmente/ esporadicamente* em português, em inglês tal par não revela palavras sinônimas, pois *eventually* é um falso cognato. Assim sendo, o par seria, por exemplo, *eventually/ finally*..

Detectamos em nossos dados algumas ocorrências que ilustram bem o uso de sinônimos despreferidos, quer seja pela situação discursiva em questão (formal vs. informal) ou pela obsolescência do item lexical utilizado. Observemos, então, tais ocorrências:

(32) After having lots of problems with her **matrimony** my mother decided to divorce.

(36) As a result, it can **prolong** the lifespan of patient.

(23) They were sea the crater when they **perceived** a kind of staircase.

Na ocorrência (32), temos a palavra *matrimony* empregada no lugar de *marriage*. O nosso aprendiz, mais uma vez, por pensar haver uma analogia à sua língua, utilizou *matrimony*, pois, em português, podemos dizer, em registro

relativamente formal, *problemas no matrimônio*. Em inglês, no entanto, *matrimony*, apesar de ter o seu sentido muito próximo ao de *marriage*, revela ser de uma formalidade ainda maior. Além disso, tal palavra, à luz do Longman (1995, p. 878), designa um estado, ou seja, o “estado de ser, ou estar casado”. *Marriage*, por outro lado, designa a relação em si, ou seja, a relação marital, sendo, por esta razão, a mais apropriada nesta situação.

Em (36) percebemos a utilização da palavra *prolong* com o sentido equivalente ao de *prolongar*. No entanto, ao recorrermos ao dicionário Longman (1995), e com base em nossa própria experiência no ensino da língua inglesa, podemos afirmar ser tal palavra pouco recorrente (e acreditamos que até mesmo obsoleta), especialmente na língua falada ou em uma produção escrita informal (que era o caso). Ao utilizá-la, o nosso aprendiz fez com que a situação discursiva soasse bem menos natural. Assim, em vez de *prolong*, ele deveria ter empregado, por exemplo, o sintagma verbal *last longer*, que apesar de ser uma expressão sinônima de *prolong*, faz com que a situação discursiva retome a naturalidade esperada.

Por fim, em (23), o nosso aprendiz usou o verbo *perceive* com o sentido de perceber, notar. Realmente, em inglês, *perceive* e *notice* são palavras sinônimas. Porém, há uma nuance de sentido que parece ter passado meio despercebida por nosso aprendiz: à luz do Longman, enquanto *perceive* significa (dentre outras possibilidades) “notar algo que se mostra realmente difícil de ser notado, percebido” (cf. Longman 1995, p. 1048), *notice* significa “ver, ouvir ou sentir algo” (cf. Longman 1995, p. 965), sendo, desta forma, mais abrangente. Além disso, um outro fator é que a palavra *perceive*, assim como *prolong*, faz com que a situação discursiva tome um rumo muito formal e perca, desta sorte, a naturalidade esperada em virtude da baixa incidência de tal palavra na língua. Em português, no entanto, os sinônimos paralelos *perceber/notar* são mais naturalmente intercambiáveis.

Restrições Colocacionais

O problema envolvendo as restrições colocacionais está muito ligado ao das relações de sinonímia, pois percebemos que quando determinados itens lexicais que sempre co-ocorrem são substituídos por outros (ainda que sejam

eles sinônimos) dentro da expressão em questão, isto acarreta, sem dúvida, uma certa estranheza. Conforme dissemos no capítulo três, de acordo com Saeed (2003:60), “as restrições colocacionais passam por um período de fossilização até se tornarem expressões fixas”. Isso equivale a dizer que os elementos pertencentes a tais expressões não são comutáveis com outros e, por esta razão, não podem ser utilizados intercambiavelmente. Assim, quando um sinônimo é utilizado, por exemplo, em uma expressão que já está prestes a se tornar fixa, a estranheza se faz ainda mais evidente.

Encontramos em nosso corpus as seguintes ocorrências que ilustram o que acabamos de expor:

(17) We traveled always and we will go out, but I have never thought that a day we were going to **finish**.

(21) Killing people is horrible, but when these people have **practiced** crimes, the government must use the capital punishment for protect the society.

A ocorrência (17) nos traz uma estranheza causada pelo uso indevido do verbo *finish* em vez de *break up*, que é a expressão mais adequada para expressar, de forma mais coloquial, o fim de um relacionamento a dois (cf. Longman 1995, p. 151). Apesar de *finish* ter uma proximidade semântica com *break up*, para que ele pudesse ter sido utilizado nesta proposição, o nosso aprendiz deveria ter usado *finish with sb.*, ou seja, o complemento se faz necessário nesse caso. Com base nisso, podemos dizer: *I've finished with Mary after the way she treated me* (Cf. Longman, 1995, 479). Entendemos, no entanto, o porquê de nosso aprendiz ter empregado apenas *finish*. Acreditamos que por uma comparação com o português, no qual dizemos apenas terminar, ficando o complemento verbal subentendido, *finish* tenha sido priorizado em detrimento de *break up*, sendo este último um caso de restrição colocacional pela co-ocorrência com termos como *relationship, marriage, engagement*, etc.

Em (21), percebemos a utilização de um item lexical despreferido, fazendo, como expusemos acima, com que a expressão seja considerada estranha. Para que tal expressão retome a sua naturalidade, será necessário substituímos *practice* por *commit*.. Parece-nos que nosso aprendiz, via de regra, utilizou *practice*, em detrimento de *commit*, porque mais uma vez ele se apoiou no conhecimento que possui da língua materna, na qual dizemos *praticar um*

crime, significando *cometer um crime*. No entanto, enquanto tais itens lexicais podem ser considerados sinônimos em português, em inglês tal fato não se dá, pois eles não podem ser usados intercambiavelmente, uma vez que enquanto *practice* significa “fazer algo regularmente” (cf. Longman 1995, p. 1104), *commit* significa “fazer algo considerado ilegal” (cf. Longman 1995, 269).

4.3. Síntese

Os 114 dados selecionados, e analisados, foram classificados com base em nossas leituras e em nossa própria experiência no ensino da língua inglesa.

Conforme já dissemos, acreditamos que na maioria dos casos, especialmente naqueles em que a incidência de cognatos se fez maior, a inteligibilidade esteja comprometida.

Gostaríamos, ainda, de enfatizar que não encontramos muitas ocorrências dos grupos analisados, salvo o grupo das palavras cognatas e o das relações de hiperonímia . Os grupos com menor número de ocorrências foram os grupos de *ranqueamentos* (1 ocorrência), *Antonímia* (1 ocorrência), *Pares Direcionais* (1 ocorrência), *Opostos Relacionados Morfológicamente* (1 ocorrência) e *Construções Idiomáticas Traduzidas ao Pé da Letra* (2 ocorrências). Os de maior quantidade de ocorrências formam o grupo dos o grupo das *Relações de Hiperonímia* (23 ocorrências). Há, ainda, aqueles grupos cujas ocorrências ficaram, mais ou menos, em torno de um número aproximado, são eles: *Circunlóquios Mal-Sucedidos* (6 ocorrências), *Conversos Diretos* (3 ocorrências), *Sinonímia* (6 ocorrências) e *Restrições Colocacionais* (6 ocorrências). Foram encontradas, por fim, muitas ocorrências envolvendo cognatos *falsos* e cognatos *enganadores*; estes últimos distribuídos nas diferentes relações de sentido analisadas. Assim sendo, temos a seguinte tabela:

Tipo de relação	Número de ocorrências
Ranqueamentos	(1 ocorrência)
Antonímia	(1 ocorrência)
Pares Direcionais	(1 ocorrência)

Opostos Relacionados Morfologicamente	(1 ocorrência)
Relações de Hiperonímia	(23 ocorrências)
Conversos Diretos	(3 ocorrências)
Sinonímia	(6 ocorrências)
Restrições Colocacionais	(6 ocorrências)

⊖ ⊖⊖

Passemos neste momento à conclusão do trabalho, onde pretendemos resumir, por meio da retomada dos objetivos propostos, sobre a contribuição desta pesquisa.